

A noção de indivíduo não é de fácil compreensão, apesar de usada em nosso vocabulário cotidiano. De tão acostumados, sequer pensamos no seu significado, muito menos na sua origem. Lembremos que “indivíduo” tanto pode ser o que não é divisível (átomo), como aquela pessoa que apontamos na rua. Mas, há uma diferença – ao menos para quem se encontra no campo do saber filosófico – entre átomo, pessoa e indivíduo. Se do ângulo da *phýsis* logo percebemos que o indivíduo é a menor partícula divisível, como quis Demócrito, e se considerarmos que a divisibilidade é finita, então, parece claro seu significado. No campo ético-político, indivíduo não existe com o sentido aplicado hoje: rigorosamente, indivíduo é aquela pessoa moldada por noções específicas como responsabilidade, liberdade, conhecimento de si. Ora, assim não foi para a cultura greco-romana. Diz-se de uma pessoa *tô êkaston*, cada um, indicativo de uma singularidade. Também na nomeada metafísica, os “istos” são singulares profundamente refletidos, mas não são “indivíduos” no sentido moderno. No entanto, usa-se normalmente indivíduo para pessoa, o que demonstra controvérsias a respeito. De qualquer ângulo que se queira investigar tal noção, a riqueza do pensamento antigo aparece porque é o solo originário. Os textos desta **Hypnos 24** assim demonstram.

Em brilhantes nexos entre os atuais saberes nomeados História, Filosofia, Psicologia, Filologia, Lambros Couloubaritsis expõe seu pensar sobre a emergência da individualidade no período grego arcaico, texto rico em aberturas para reflexões novas. Na mesma perspectiva em abertura sobre a cultura grega antiga está o texto sobre a *kléos* heróica (como mecanismo de individuação do homem grego), de Cristiane Azevedo. Adentrando na visão das ações humanas, o cuidadoso artigo de Francisco Bravo sobre desejo e constituição em Platão (*República* e *Philebo*), bem como a atraente ponte feita por Jaime Paviani: o cuidado de si em Platão e a recepção de Foucault a respeito.

Será Enrico Berti a adentrar na *Metafísica* aristotélica com a pergunta: “A alma é, para Aristóteles, individual?”. Difícil pergunta, sem dúvida, e ótima resposta do intérprete italiano. Já Pilar Spangenberg aborda o indivíduo do ponto de vista platônico relacionado à persuasão e *apáte* no *Górgias*, enquanto Eliane Cristina de Souza busca uma reflexão sobre o indivíduo em

Platão e a noção moderna de sujeito pela via do *Protágoras*, investigações, no mínimo, dignas de discussões.

Após a leitura dessas indagações, notamos que a noção de indivíduo em seus múltiplos aspectos não respondem ao que o editorial pergunta no início: indivíduo para a Grécia Antiga é o mesmo que pessoa? que indivíduo moderno? podemos utilizar indivíduo sem o arcaísmo nocional que a história cuidou de colar à palavra? Mas, necessariamente, saímos da ingenuidade em que possamos eventualmente estar, ao nos utilizarmos dela no cotidiano, sem pensar, algo que a filosofia exige. Indivíduo como átomo, indivíduo como pessoa, indivíduo como “isto”, indivíduo como sujeito... Haverá um modo de pensar-dizer que adotaremos mais que outro?

Finalizando a ***Hypnos 24***, temos a bem articulada resenha crítica de nosso colaborador de Como (Itália), Dario Zucchello, sobre o livro de B. Centrone referente ao livro *Iota (X)* da *Metafísica* de Aristóteles. E como a ***Hypnos*** recebe publicações de filosofia antiga de algumas editoras, cuidaremos de apontar e, por vezes, resenhar, as que consideramos úteis para as investigações na área. Boa leitura.\*

*Rachel Gazolla*  
(editora responsável)

---

\* *Nibil quicquam homini tam prosperum divinitus datum, quin ei tamen admixtum sit aliquid difficultatis... coniugatione quadam mellis et fellis.* <Nada foi dado ao homem pela divindade que seja tão próspero que não esteja conjugado a alguma dificuldade... como mel e fel.> Apuleio, *Florida*, 18